

## O fulgor de Canudos

Silvia Beatriz Adoue \*

**Resumo:** Este trabalho estuda a experiência social de Canudos, no sertão da Bahia, entre 1893 e 1897, reconhecendo formas de sociabilidade que, apesar de vividas no passado, anunciam possibilidades futuras. Formas estas que estão presentes nos acampamentos e assentamentos da reforma agrária no Brasil, e que são germes de relações comunistas.

**Palavras-chave:** História, Movimentos Sociais, Canudos, Bahia, Brasil.

De 1893 a 1897, no sertão de Bahia, erigiu-se uma cidade com 30 mil almas. Dedicada à agricultura e à criação de carneiros e cabras, o resultado da produção social era distribuído segundo a necessidade de cada um. A cidade foi destruída e seus moradores exterminados após quatro campanhas militares. Mas o fulgor de Canudos ilumina nosso presente com traços de possibilidades futuras.

Muito foi discutido a propósito das condições históricas específicas que favoreceram esta experiência. Costuma-se esgrimir essas especificidades como argumento contra aqueles que vemos em Canudos fulgores de porvir. A singularidade desta épica, no entanto, assinala outra conclusão: traços das relações humanas que floresceram em Canudos, sob o sol impiedoso e sobre uma terra castigada pela ameaça anual da seca, são uma aspiração bem mais universal.



Depois da conquista, a colônia portuguesa fornecia ao mercado mundial insumos e produtos semi-manufacturados em grande escala. A “procissão dos milagres”<sup>1</sup> em direção a Europa foi alimentada pelo fluxo do tráfico de escravos durante séculos, mas nunca tão intenso como no período de 1822 a 1850. E, de todos os “milagrosos” produtos do trabalho escravo, o açúcar foi aquele que permaneceu com um fluxo mais duradouro por todos os séculos que durou a dominação portuguesa e depois da independência.

Nos estados do nordeste, as fazendas de cana, grosso modo, combinavam o cultivo de cana e a usina de produção de açúcar com a criação de rebanhos, para

<sup>1</sup> Assim chamava Sérgio Buarque de Holanda (HOLANDA, 1969, p. 323) ao fluxo de mercadorias da colônia para Europa. A expressão “procissão dos milagros” foi retirada do ritual na festa do Divino Espírito Santo, na que as pessoas carregam exvotos simbolizando os milagres realizados.

depende o menos possível da compra de alimentos para seus trabalhadores. A carne seca e a farinha de mandioca eram produzidas na própria fazenda ou na região. Se para a produção de açúcar se explorava trabalho escravo, para a pecuária isso não era possível. O vaqueiro estava associado ao progresso do rebanho por uma série de compromissos. O patrão cedia um terreno para estabelecer rancho e para fazer um roçado para a própria alimentação e da família, e também lhe cedia uma cria por um número de parições combinado de antemão entre as duas partes. Era comum o fazendeiro apadrinhar os filhos do vaqueiro e que este fizesse parte do pequeno exército que o patrão mobilizava durante conflitos de terras com outros proprietários.

Houve no século XIX, oito longos períodos de seca na região, em grande medida, resultantes do monocultivo extensivo da cana de açúcar. O deslocamento da população à procura de água e meios de vida na segunda metade do século XIX foi gigantesco. Quem podia dirigia-se para estados do sul, para o litoral ou para a Amazônia, atraído pela exploração da borracha. Quem permanecia na região, penava pelos caminhos.

A partir da proibição do tráfico de escravos em 1850, a obtenção e reprodução de mão de obra tornou-se muito cara para a economia da cana de açúcar. A Lei de Terras de 1850 preservava ao mesmo tempo a concentração da propriedade em poucas mãos, para que os proprietários dispusessem de trabalhadores “livres” de meios de produção, e assim evitar que o fluxo de mercadorias para exportação se detivesse. A “procissão dos milagres” continuou, só que houve um deslocamento territorial: aumento da

produção de café no sudeste e diminuição da produção de açúcar e algodão no nordeste.

A seca e todos esses processos econômicos fizeram que, não poucas vezes, os proprietários de terra praticamente abandonassem suas fazendas, as quais ficavam aos cuidados dos capatazes e vaqueiros durante anos. Mas, sem meios de sobrevivência, até eles iam embora. Muitos dos jagunços que integravam os pequenos exércitos mobilizados pelos proprietários de terras para dirimir suas pendências lançaram-se para o cangaço.

Os retirantes vagavam a procura de água e comida. Muito tem se falado das seitas apocalípticas no nordeste brasileiro, de profetas que anunciavam o fim do mundo. Mas a seca do século XIX foi o fim do mundo para muitos. Só no estado nordestino de Ceará, durante a seca de 1877 a 1879, meio milhão de pessoas morreu de fome ou atingido pelas epidemias resultantes da desnutrição e a falta de água. Os sobreviventes conservavam uma memória dessa catástrofe. E o fim do mundo não era um evento adiado para o futuro longínquo, e sim uma possibilidade imediata. Os mitos da religiosidade popular, herdados dos portugueses por um povo mestiço, davam forma narrativa a esse estado de espírito. Mas esse povo, descendente de indígenas e africanos, revivia os mitos cristãos de Portugal à sua maneira. Em particular contribuíram para dar explicação à catástrofe o sebastianismo e o culto ao Divino Espírito Santo.

Pelo lado das práticas religiosas dentro da igreja católica, desde a instalação das primeiras fazendas de cana de açúcar do nordeste, o sacerdote era capelão da fazenda, muito distante da instituição eclesiástica e vinculado diretamente ao proprietário. Não questionava sua

crueledade para com os escravos e nem a poligamia em que vivia. Em 1860, o Vaticano tomou iniciativas de “romanização” da igreja católica no mundo, para uniformizar as práticas pastorais dos seus quadros. No caso do nordeste brasileiro, multiplicou os seminários, mas mesmo assim os sacerdotes não eram suficientes para atender as necessidades espirituais dos fiéis. Então, autorizavam beatos e beatas, que faziam votos de castidade e iam de cidade em cidade com túnica escura, catequizando, confortando doentes e reparando propriedades da igreja que estavam abandonadas, muitas delas, desde a expulsão dos jesuítas: as igrejas, as capelas, as escolas paroquiais e os cemitérios. Alguns deles, além disso, davam conselhos. Esses eram chamados de “conselheiros”. As pregações destes novos representantes de deus, legitimados pela igreja católica, diferiam bastante do convite a resignação que os capelães de fazenda, inteiramente dependentes dos senhores de escravos, dos patrões, lançavam aos fiéis. Durante a segunda metade do século XIX, o sertão nordestino era atravessado por esses peregrinos, reconhecidos pela igreja católica e respeitados pela sociedade. Vivia-se, por tanto, um reverdecer da atividade religiosa.

No contexto da catástrofe da seca, a religião fornecia um cimento explicativo que vedava as rachaduras abertas nas práticas sociais rotineiras. As elites intelectuais, racionalistas, protegidas do desastre no litoral, no sudeste, viam nessa religiosidade popular uma expressão de delírio. Pelo contrário, poderia ser dito que, perante a implosão do mundo conhecido, a morte em massa, as grandes perdas que as transformações da economia traziam

para a população nordestina, essa religiosidade tinha um efeito agregador ante o trauma, contra o isolamento e a loucura. Não foram as crenças que empurraram os nordestinos para atravessar o sertão à procura de uma terra que manasse leite e mel. Foi o desespero. Fragmentos desses mitos que circulavam foram sutura para agregar as gentes e dar sentido ao seu movimento. Ex-escravos, ex-vaqueiros, ex-jagunços, ex-cangaceiros juntaram-se em torno de beatos que davam nome aos seus novos gestos.

A procura da terra prometida, da terra que maná, leite e mel, presente nas narrativas bíblicas, era um relato que dava sentido sublime à peregrinação pelo sertão. O reino do Divino Espírito Santo, no qual os prisioneiros seriam libertados, sem imposições, sem leis e sem instituições, dava argumentos à resistência que os sertanejos opunham às novas disposições da república: os impostos, o casamento civil, os novos pesos e medidas, que alteravam as relações comerciais locais. A era do Espírito Santo anunciava-se como uma era de abundância, um terno banquete sem diferenças entre ricos e pobres, na qual o poder seria exercido com a inocência infantil de uma criança investida de poder real. As melhoras físicas nas igrejas, capelas e cemitérios, que beatos e beatas impulsionavam com trabalho cooperativo geravam um sentimento geral reparador em meio do desastre da seca, uma experiência prática de que o mundo podia ser reconstruído com a ação coletiva e uma sensação geral de potência. As vítimas da seca, marionetes do inevitável, passavam a ser construtores, parceiros de deus na criação, levantando prédios, dando vida e beleza ao que estava em ruínas.

Antônio Vicente Mendes Maciel nasceu em Quixeramobim, em Ceará, em 1830. Depois de uma série de problemas familiares, transformou-se em caixeiro viajante e peregrinou por todo o nordeste. Em 1874, quando chegou ao norte da Bahia, já era um beato conselheiro seguido por seus fieis. Com eles, ia de cidade em cidade reparando e construindo templos, escolas paroquiais e cemitérios.

No contexto da fome provocada pela seca, a crise do açúcar, que dominava a economia local, e as ações do cangaço, as grandes concentrações de peregrinos provocavam receio nos proprietários por onde Antônio passava. Anunciava a libertação dos escravos. De fato, em 1888 foi abolida a escravidão, mas não o latifúndio. Muitos dos escravos liberados, sem terras onde trabalhar, seguiam também o Conselheiro. A proclamação da república, em 1889, foi sucedida pela exigência de pagamento de impostos, pesados para o pequeno agricultor, que asseguravam a concentração da propriedade da terra.

Em 1893, durante a passagem de Antônio e seus seguidores pela feira de Bom Conselho, o beato, perante o povo da cidade, falou abertamente contra o pagamento de impostos e o casamento civil exigido pelo governo republicano. As tábuas onde estavam fixados os éditos com as novas disposições foram destruídas. Perseguidos por forças policiais, Antônio e ao redor de 200 seguidores fugiram para o norte e foram alcançados em Masseté. Os 35 policiais não sabiam que entre os peregrinos tinha gente armada, que respondeu ao fogo obrigando-os a fugir com um saldo de três mortos para cada lado. Temendo

retaliações, Antônio dirigiu-se para Canudos.

Era uma velha fazenda abandonada, chamada Belo Monte, mas conhecida pelo nome de Canudos porque ali se fumava nuns cachimbos de barro e longos tubos retirados da vegetação ciliar do rio Vasa Barris. Na sua curva pronunciada, o rio traçava um semi-círculo em torno a um terreno mais alto. A aridez circundante, os caminhos de desfiladeiro entre montanhas, a falta de grandes povoados nos arredores, assim como a distância da ferrovia, constituíam a melhor defesa contra incursões inesperadas.

Rapidamente, a cidade se levantou com casas de pau a pique, com uma só rua principal e passagens estreitas.

Construiu-se um grande templo, a Igreja Nova. Quando se correu a notícia do assentamento da gente do Conselheiro, as famílias dirigiram-se a Canudos em grande quantidade, chegando a formar uma população de 5.200 casas.

A terra, as pastagens, os rebanhos e as plantações eram coletivos. Só as casas, os móveis, alguns animais e os objetos de uso eram de propriedade familiar. Os produtos tanto da atividade agropecuária quanto os resultantes do trabalho artesanal pertenciam à comunidade. Os velhos, os doentes, as viúvas e os órfãos que não trabalhavam ou tinham capacidade produtiva reduzida, recebiam de acordo à necessidade e não de acordo ao trabalho que realizavam. E quem tinha família numerosa recebia proporcionalmente mais. Não conheciam a *Crítica ao programa de Gotha*, de 1875, na que Marx se refere a essa forma de distribuição como base da sociedade comunista. Os alimentos consumidos eram produzidos na comunidade.



Havia escolas de alfabetização. O Conselheiro intervinha diretamente nos conflitos internos e na administração de justiça. Não havia castigos físicos nem prisão. Se alguém cometia crime de morte era expulso da cidade. Tinha uma guarda armada para proteger o Conselheiro e a localidade de ataques externos. Não tinha prostituição e nem se aceitava bebida alcoólica. Realizavam-se grandes festas religiosas e ofícios no templo. Tinha rituais próprios, como o de fazer circular entre todos as imagens dos santos para que todos as beijassem. Quando aparecia um sacerdote, pediam para ele officiar missa, batizar, casar e dar a comunhão.

Em 1895, uma delegação enviada pelo arzbispo de Salvador chegou a Canudos para fazer a população desistir do empreendimento e se dispersar. A reação dos canudenses foi tão indignada que Conselheiro teve que intervir pessoalmente para garantir a integridade física da delegação.

Era necessário dispor de trabalhadores “libres” em grande número. Muito mais depois da abolição. Essa era condição para os proprietários do nordeste apoiarem a república. Canudos retirou milhares de trabalhadores potenciais. Mas o pior era a propagação da “ideia de Canudos”. Isto é, a ideia de não precisar de patrão. O argumento esgrimido, porém, era que os sertanejos de Canudos eram monarquistas. O que parecia crível no sul, já que eles enfrentavam as leis da república, e se declaravam favoráveis ao rei... Sebastião, desaparecido alguns séculos antes.

O primeiro enfrentamento dos canudenses com tropas ocorreu em Uauá, em 1896. A comunidade havia encomendado e pago adiantado um carregamento de madeira para a construção da Igreja Nova. O

conselheiro mandou dizer que podia enviar gente sua para procurar a madeira. O juiz da comarca, que entendeu o aviso do Conselheiro como uma ameaça e pediu forças militares ao governador do estado. Os canudenses chegaram em procissão, uns mil romeiros com estandarte do Divino Espírito Santo, cantando e rezando. Mas entre os romeiros estavam os integrantes da Companhia do Bom Jesus, que depois chamaria Guarda Católica, armada e com uma estratégia bem pensada para tomar a cidade de Uauá. O objetivo era evitar que as tropas chegassem a Belo Monte. Em Uauá ocorreu um combate no qual morreram 74 canudenses.

O beato conselheiro sabia que depois do episódio as coisas não iam ficar por isso mesmo. Preparou sua gente anunciando que o de Uauá era apenas o primeiro de “quatro fogos”. Um mês depois, o governador pedia ajuda ao governo da república. E assim se preparou uma nova expedição. Os oficiais não conheciam o terreno e não estavam habituados ao clima, enquanto os canudenses se mimetizavam com o ambiente que conheciam como a palma da mão. A expedição fracassou.

O tema se tornou nacional e dobrar Canudos era questão de honra da república. Nos jornais da capital não se falava em outra coisa. Preparou-se uma expedição com 1.300 homens e 16 milhões de munições (que era mais ou menos o número de habitantes do país naquela época). Quem dirigia a expedição era o coronel Antônio Moreira César, conhecido como o “cortacabeças”, por sua notável participação no esmagamento das rebeliões em Santa Catarina. Era republicano fanático e amigo pessoal de Floriano Peixoto. Conseguiu penetrar nas primeiras casas. Mas o combate

corpo a corpo dentro da cidade foi muito duro. Moreira César morreu e no dia seguinte os soldados começaram a desertar. Os canudenses obtiveram 300 armas com munição suficiente para enfrentar novos ataques.

A derrota do exército, a deserção, a perda evidente de armamento configuravam uma vergonha que devia ser lavada. Apesar de Belo Monte não ameaçar a república, a imprensa o apresentava como reduto monarquista e peça numa conspiração maior contra o governo central. Falava-se inclusive de ajuda a Canudos desde o estrangeiro.

A quarta expedição era de 22.000, em 1897, quando o contingente do exército nacional era de 25.000 homens. Se considerarmos que Belo Monte possuía, naquele ano de 1897, 5.200 casas, podemos dimensionar a desproporção de tal expedição. Porém, a campanha teve duração de maio a outubro, devido à tática de guerra de guerrilhas que Canudos adotaram na região. A tática de guerra de tamanho exército republicano foi, porém, durante semanas, a de posicionar uma linha de atiradores no contorno do rio para disparar uma descarga sobre qualquer um que fosse à procura de água. Como não conseguiam a rendição, as tropas do exército começaram a incendiar as casas da borda da cidade, para penetrá-la. No dia 2 de outubro, Antônio Beatinho, cuidador das imagens dos santos, em nome da Companhia do Bom Jesus, negociou a rendição de 500 pessoas em troca das vidas. Eram mulheres, crianças, velhos e apenas 60 homens, todos desarmados. Dezesete deles, inclusive Beatinho, foram degolados



por se recusar a gritar vivas à república. Gritavam vivas ao Bom Jesus.

A teoria climática e racial justificava a posição esquizofrênica da elite nacional, que pensa o povo da nação com a mesma cabeça do colonizador. Silvio Romero, Nina Rodrigues e Euclides da Cunha, no final do século XIX, criaram uma proto-ciência social que via na mestiçagem um mal originário que devia ser corrigido, para formar uma nação moderna, propondo políticas de “blanqueamento”. O ensaio *Os sertões*, escrito em 1902 por Euclides da Cunha, que acompanhou como correspondente de guerra a campanha do exército republicano contra Canudos, está organizado em três partes: “A terra”, “O homem” e “A luta”. Começa com a descrição geográfica para depois passar para os tipos humanos que essa geografia geraria, e só depois passa para a crônica histórica. A organização do texto corresponde à concepção teórica que vê entre ambiente físico e cultura uma relação causal direta. Para Euclides, não são as relações de exploração, necessárias para a manutenção da “procissão dos milagres”, as que sustentam a barbárie, e sim um ambiente excessivamente natural, incivilizado.

Euclides da Cunha via em Canudos o passado. Era a forma que a elite tinha de explicar o desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo. O futuro era Europa. Era preciso parecer com Europa para ser civilizado. As cidades do litoral eram a avançada desse projeto civilizatório. E essa concepção impediu ver em Canudos germes de outra civilização. Porém registrou o extermínio de Canudos como um crime

cometido pelo exército da república contra seu próprio povo, com métodos bárbaros e tecnologia avançada, a mais avançada da época.

A luz radiante da modernidade não foi outra que a do estampido das armas para os sertanejos. A modernidade capitalista chegou nesse “fim do mundo” por meio dos canhões Krupp ou Withworth, das metralhadoras Nordenfelt e dos fuzis Mannlicher ou Comblain. Esse foi o rosto da modernidade. Não foram o *Manifesto Comunista*, nem as notícias da Comuna de Paris os que a anunciaram.

Quem os empurrou à curva do Vasa Barris foram as transformações capitalistas da economia, que não asseguravam nem a sobrevivência. Porém, as formas que escolheram para viver brilhavam no sertão ao ponto de se tornarem ameaçadoras para o modelo de inserção do Brasil na ordem mundial. Não eram as 30.000 pessoas que habitavam Canudos. O problema era o exemplo de Canudos, uma forma de civilização que assegurava a vida em condições climáticas das mais penosas. Não era suficiente destruir Canudos, não era suficiente não deixar sobreviventes. Era preciso controlar a memória de Canudos. Contá-la como ficção. Com estranhamento. Aquele lugar, onde se pode dizer que o povo foi genuinamente brasileiro, numa civilização na que várias origens étnicas organizavam a vida em formas comunais e em relação equilibrada com o ambiente, é apresentado aos próprios brasileiros como um lugar exótico. Canudos é um quisto, uma pedra irreduzível, um corpo estranho.

Num contexto em que a seca e os avatares do mercado levaram ao abandono de milhões, alguns milhares de homens e mulheres teimosos decidiram continuar vivendo. Não

reproduziram a ordem oligárquica, nem abraçaram nenhuma das fórmulas da propriedade privada. Organizaram-se de acordo com valores que, sendo arcaicos na sua formulação, eram inteiramente novos. E viram que essa forma de organização era boa. Então, defenderam-na agonicamente. Uma teimosia que tem muito de heroísmo trágico, porque não puderam se sobrepor a tal concentração de forças militares e porque não encontraram, e nem poderiam encontrar, aliados a não ser entre os camponeses pobres da região, mais vulneráveis ainda. Não havia articulação possível com qualquer tipo de resistência de outras comarcas e os pobres das cidades não tinham mais notícias de Canudos que aquelas que chegavam através da imprensa republicana. Canudos foi o bode expiatório das tensões dentro do Estado nacional, que por meio daquela campanha conseguiu equacionar diferenças dentro das classes dirigentes.

Mas Canudos é também um quisto na história, porque se refere a um episódio traumático, e nesse sentido não equacionado. Não houve naquele momento palavras para explicar de maneira satisfatória a força desproporcional e a barbárie com que Belo Monte foi exterminado. Duplo extermínio: extermínio físico do povo que fazia a história à sua maneira e eliminação conseqüente do ponto de vista do povo para contar a história. Os relatos fragmentados dos canudenses, que os sobreviveram em cartas e músicas, retirados do contexto, editados por seus vitimários, “valiam tudo porque nada valiam”. Perdiam completamente seu sentido.

A história dos canudenses filtra-se reatualizada ao longo de mais de um século, recolhida pela lírica popular. E a forma lírica, o cancionero popular,

talvez seja a forma mais adequada para recolher as “correntes subterrâneas” da história<sup>2</sup>. A poesia, e não a prosa, é a forma adequada para expressar o sublime. A linguagem musical da poesia é eminentemente coletiva, e capaz de evocar sentimentos e desejos de profundidade. O recalcado retorna na poesia, na música. Não retorna como uma simples evocação do passado, e sim como uma aspiração do presente. Dos sucessivos presentes.

A luta pela terra continua viva no território brasileiro. A terra continua sendo o principal meio de produção no Brasil, responsável pelos principais produtos de exportação. A modernidade capitalista penetrou no campo com a mecanização da produção agrícola em grande escala, o confinamento dos animais, a transgenia e os agrotóxicos dispersados sobre os campos desde aviões. Toda essa incursão pesada da tecnologia degrada rapidamente as terras, as águas, a atmosfera, os biosistemas e a vida social de comunidades inteiras. Essa modernidade combina bem com a super-exploração do trabalho, expressada em formas próximas do trabalho escravo.

As gentes, porém, teimosamente, insistem em viver. Ocupam terras e nelas plantam para comer. Nas últimas décadas, a luta pela terra adquiriu alcances e articulação nacionais. O surgimento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra é uma expressão desse processo. Este movimento surge da ação das Comunidades Eclesiais de Base da igreja católica, das quais herda a mística.

---

<sup>2</sup> Em “Conferência sobre lírica e sociedade”, Theodor Adorno fala nas “correntes subterrâneas da sociedade” que emergem no texto lírico.

De 1988 a 2009 houve mais de 8 mil ocupações envolvendo mais de um milhão de famílias. Mais de 77 milhões de hectares foram conquistadas para a reforma agrária nas últimas três décadas. Ali, homens e mulheres ensaiam novas formas de se relacionar entre si e com a terra. Curiosamente, essas formas parecem com as dos sertanejos de Canudos. Produzem alimentos para consumo da comunidade e, quando há excedente, a tendência é vendê-lo para o Estado, com destino de consumo em escolas e hospitais da região, ou diretamente para os vizinhos do assentamento em feiras livres. Outra tendência é a de reduzir o lote familiar ao espaço da casa, às vezes uma pequena horta, um galinheiro, que são propriedade de uso, mas que não podem ser vendidos nem comprados. O espaço de produção é coletivo. Entre as tecnologias utilizadas está a da agroecologia, uma retomada de princípios que orientavam a agricultura antes da chamada “revolução verde”<sup>3</sup>, com melhoras significativas. Entre essas melhoras estão as técnicas de plantio e cria de animais com baixo impacto sobre o ambiente, algumas, aprendidas dos povos autóctonos, como a agrofloresta, plantada nos interstícios da mata nativa, ou hortas circulares, que evitam pragas sem necessidade de defensivos químicos, e a instalação de casas de sementes crioulas, com todo seu tesouro genético. Em todas essas

---

<sup>3</sup> Conjunto de tecnologias de alto rendimento para a agricultura que em 1950 levaram a um aumento de 250% da produção mundial de grãos. A meta da “revolução verde” era o aumento da produção e sobre todo da produtividade. Na prática provocou um aumento da concentração de riqueza e a degradação do meio ambiente, pelo uso de agrotóxicos e monocultivos de poucas variedades em grande escala, a exploração intensiva e mecanização. A essas técnicas hoje soma-se a manipulação genética das sementes.



terras tem havido recuperação do solo e da vegetação nativa.

A organização de cada assentamento é regrada por normas deliberadas pelos seus integrantes, para além da legislação em vigor no país. Se a comunidade decidir que não entra bebida alcoólica, a bebida alcoólica não entra no assentamento. Se decidir que não se planta cana, não se planta. Nas organizações que atuam na área rural é hegemônica a opinião de que as mulheres precisam ter participação igualitária no exercício do poder dentro das comunidades. A formação espiritual das comunidades está assentada nessas práticas e na criação de escolas de todos os níveis dentro dos assentamentos, assim como os intercâmbios entre eles, deslocamento de integrantes para estudar em outros estados. O pensamento moderno chegou para os novos sertanejos com um rosto diferente do inicial. Eles conhecem o *Manifesto Comunista* e estudam a experiência das revoluções do século XX. Produzem seus próprios textos e têm rádios comunitárias. Mantêm contato e prestam solidariedade a outros povos do mundo. Celebram festas, inventam sua própria mística e constroem uma nova

cultura baseada nas suas lutas. Mesmo estudando e se preparando racionalmente, a revolução é para eles uma fé.

Essas formas comunitárias que afloram ao longo da história de um povo são indício das profundas raízes dessas práticas. Os diferentes relatos aos que esse povo apela para justificá-las não devem nos confundir. O comunismo só será possível se estiver enraizado como aspiração no coração de homens e mulheres com a força de uma fé. Os sertanejos de hoje estão em todo o território nacional. Precisam, porém, assim como os do passado, encontrar seus aliados nas cidades. Só assim vão passar de ser heróis trágicos a ser heróis épicos.

#### Referências

ADORNO, Theodor. "Discurso sobre lírica y sociedad". Em: *Notas de literatura*, Barcelona, Ariel, 1984.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. 2ª Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, Imprensa Oficial do Estado, Arquivo do Estado, 2001.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso. Os Motivos Edênicos no Descobrimto e Colonização do Brasil*. 2. ed. rev. y amp. São Paulo: Nacional; Edusp, 1969.



\* **SILVIA BEATRIZ ADOUE** é Mestre em Integração de América Latina pelo PROLAM/USP e Doutora em Literatura Hispano Americana pela FFLCH/USP, é professora da UNESP de Araraquara e da *Escola Nacional Florestan Fernandes*.